



TRABALHO, LUTA E LAZER: ASPECTOS DO COTIDIANO DE EMANCIPADOS EM SÃO PAULO (1888- 19280)

Lúcia Helena Oliveira Silva,

A presença negra no estado de São Paulo que por tantos anos durante a escravidão fora majoritária entre os trabalhadores começou a diluir-se após a Abolição. Tal situação ocorreu devido aos milhões de imigrantes que chegavam a este estado, alterando a composição da população, inundando regularmente o mercado de trabalho de mão-de-obra até o período da Primeira Guerra Mundial. Os dados sobre negros e mestiços passaram a ser uma ausência nos dados estatísticos oficiais e os dados censitários deixam de indiciar o item cor. Ainda assim, a presença negra podia ser observada nos chamados territórios negros e suas manifestações socioculturais (Santos, 1998).

Devido a imigração europeia as condições de trabalho no final do século XIX e início das primeiras décadas do sec. XX tornavam a vida dos emancipados difícil. Embora houvesse uma imensa procura por trabalhadores nas lavouras de café, no mercado de trabalho as preferências se voltavam para os trabalhadores europeus que eram subsidiados nas viagens por fazendeiros e também pelo Estado. A preferência se manifestava, sobretudo nas cidades lugar de preferência dos ex-escravos e também dos demais segmentos da população aonde os anúncios de jornais indicavam que as preferências em detrimento dos antigos trabalhadores.

A superação das dificuldades para a obtenção de trabalho e espaço junto à sociedade se deu devido ao precoce engajamento de grupos negros que buscavam denunciar as diversas formas de discriminação que aconteciam, principalmente nos centros urbanos. Em Campinas cidade do interior de São Paulo desde os tempos da escravidão a organização dos cativos e libertos começou acontecer como em tantos outros lugares, em torno das irmandades. Segundo Regina Xavier (2008, p.245) o termo de compromisso da



Irmandade de São Benedito existia desde 1835, isto é desde os tempos em Campinas ainda era a Vila de São Carlos. Ainda que a organização negra tivesse o cunho religioso, o espaço social servia também como forma de confraternização e politização. A partir da irmandade outros órgãos foram criados e um grupo muito combativo logo se destacou atuando na imprensa, nas agremiações para o lazer e cultura sempre em *defesa dos interesses dos homens de cor*.

Petrônio Domingues (2010) em artigo sobre jornalista Lino Guedes jornalista e poeta que participou da organização do grupo de intelectuais da cidade fala da ida de Guedes de Socorro para Campinas como um salto salientando a importância da cidade escolhida:

Campinas significou um salto na vida de Guedes. A cidade era um centro econômico e cultural, que atravessava um acelerado processo de crescimento urbano e industrial. Em 1890, a população do município foi calculada em 60 mil pessoas. Já em 1909, a estimativa era de 100 mil pessoas, e o recenseamento de 1920 apresentava o número total de 115.595. Isto significa que, em trinta anos, essa população quase duplicou. Em 1906, já era apontada pela imprensa local como a segunda cidade do Estado, posição que conquistara antes e que conservaria tempo depois, “constituindo-se um notável centro comercial”. Contribuía sua posição geográfica em relação a Santos e a outros pontos de escoamento da produção agrícola do Estado de São Paulo e de parte de Minas Gerais. (...) Campinas era uma cidade cuja população negra alcançou um elevado nível de organização e conscientização raciais, criando suas próprias associações recreativas, beneficentes, culturais, cívicas, educacionais, teatrais etc. (Domingues, 2010, p138-139)

Esta organização vai de encontro a propalada idéia de despreparo para a liberdade (Fernandes, 1978) e indica que a precoce organização já se esboçara antes mesmo da Lei Áurea. Assim a entidade religiosa acabou por ganhar importância política e social para além da função religiosa. A igreja negra e as entidades ligadas a ela foram importante espaço para a população afroamericana, em especial no estado de São Paulo. Foi a partir da irmandade que muitos começaram a vida de militância e combate em favor de melhores condições de vida para os negros. Entre eles encontramos Benedito Evangelista o guardião da memória dos tempos iniciais da militância negra e que lutou pela preservação patrimonial do grupo durante toda a sua vida. Mas antes dele, sua ligação com a irmandade começou com seu pai, Eulampio.



Eulampio era filho de africanos nascido em 1808 e trazido pelo tráfico interno da Bahia a Campinas aonde foi vendido a um fazendeiro, o Barão de Ibitinga. Segundo Benedito seu pai apesar de cativo foi de certo modo afortunado, pois foi escolhido para ser cozinheiro na casa grande da fazenda o que deu a ele uma vida menos rigorosa daquela dos escravos que trabalhavam na roça. Foi nesta mesma fazenda a Fazenda das Cabras (atual distrito de Sosas) que Eulampio se casou e nasceu Benedito Evangelista nasceu em 28 de fevereiro de 1903.

Como adquiriu o sobrenome e quando seu pais ficou livre não sabemos mas ao nascer Benedito já tinha sobrenome Evangelista e seu pai já participava da irmandade. Interessante é que Eurilampio foi contemporâneo de Tito de Camargo Andrade nascido em 1818 e também trazido a Campinas pelo tráfico interno e ativo participante da irmandade além de curandeiro depois ex-escravo famoso na cidade e idealizador da Igreja de São Benedito. Tito ficou conhecido por curar doenças e a ser recomendado por médicos da época e tinha como promessa construir uma capela para São Benedito por ter alcançado a sua liberdade. Seja como for, Tito constitui-se em uma figura emblemática por alcançar notoriedade na cidade, obter alguns bens e ter lutado pela capela que não chegou a vê-la inaugurada (Tito faleceu em 1882 e capela foi inaugurada em 1885)¹.

A construção da capela criou um espaço para o encontro da comunidade que reuniu cativos, libertos e livres onde a partir dela outras entidades negras foram gestadas na cidade com o protagonismo de muitos de seus membros. Campinas a partir do café na segunda metade do século XIX, era uma cidade rica e conservadora com tradição de maus tratos aos cativos, fama que chegava até a capital do Império (Chalhoub, 1998). Viver nesta cidade na condição de escravo ou descendente de ex-escravo era por si uma condição difícil, por isso nos chama atenção o empenho deste grupo dentro da comunidade negra em criar espaços a despeito das dificuldades que certamente encontraram. Boa parte deles aconteciam porque os fazendeiros insistiam em tratar os trabalhadores como se ainda fossem escravos mesmo sabendo que a condição legal havia mudado, ao mesmo tempo em que os trabalhadores

¹ Sobre a história de Mestre Tito há a tese de Regina Xavier que discorre sobre sua vida em Campinas. Ver XAVIER, Regina L. *Religiosidade e escravidão no século XIX: mestre Tito*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008.



resistiam às tentativas de mantê-los em situações análogas à escravidão (Josiah 1997, p. 105).

Segundo Benedito Evangelista na irmandade uma das bandeiras de luta sempre foi o acesso a escolaridade para seus membros e demais pessoas. Em Campinas além das iniciativas oficiais como a criação das escolas de nível primário, os grupos escolares, escolas isoladas e escolas noturnas, diversos grupos como operários e associações de classe se mobilizavam para ampliar as oportunidades de acesso ao letramento. Galdino Pereira (2001) explica que em 1896 foi criada a Sociedade de Instrução São Benedito por iniciativa da Irmandade de São Benedito. Contudo, com a vinda de um professor de Ribeirão Preto é que se concretizou a criação de uma escola o Colégio São Benedito fundado em 1902. O colégio era destinado à instrução dos filhos dos membros da irmandade e funcionou inicialmente nos fundos da igreja de São Benedito. Pereira salienta que embora o colégio tenha sido criado por membros da irmandade, ele não tinha nenhum envolvimento das autoridades católicas sendo a criação da escola uma iniciativa dos associados (Benedetti, 1983). Coube a Francisco José de Oliveira ex-seminarista formado em magistério a direção sendo a escola uma empresa de propriedade tanto dele como dos membros da irmandade.

O colégio recebia alunos negros e de outras procedências étnico-raciais e a partir de 1909 Benedito Evangelista começou seus estudos no estabelecimento onde depois veio a se tornar a se professor. Segundo os relatórios anuais era possível perceber que o colégio foi ampliou seu alunado e em 1914 adquiriu sede própria nas proximidades da Igreja de São Benedito (Pereira, 2001, p?).

Nesta década foram criados o ano seguinte 1903 o Centro Literário dos Homens de Cor que depois passou a se chamar Federação Paulista dos Homens de Cor (1903) e o jornal Baluarte(1904) um dos primeiros periódicos fruto da mobilização negra. Em 1910 criou-se *O Bandeirante* jornal que tratava das questões raciais e divulgava notícias da comunidade e a *Corporação Musical Campineira dos Homens de Cor*. Já em 28 de novembro de 1915 foi criada a *Liga Humanitária dos Homens de Cor*. Chama-nos atenção o dinamismo da



comunidade na mobilização destas entidades e também a familiaridade no grupo formado onde sempre se destacava Benedito Florêncio, José Francisco de Oliveira, Lino Guedes.

Os militantes paulistas ou que para lá se dirigiram acabaram por se destacar, sobretudo na imprensa e tem sido objeto de pesquisa de diversos trabalhos que analisam seu papel como junto a comunidade. Trabalhos como o de Gilmar Carvalho (2009), Ana Flavia Pinto (2006), Sabrina Balsalobre (2009) além do pioneiro estudo de Mirian Ferrara (1982) mostraram a fecundidade deste tipo de fonte para um estudo da vida no período pós-abolição. Ainda nesta direção há o trabalho dedicado aos periódicos negros do Rio Grande do Sul feito por José Santos (2011) que aponta os periódicos como termômetro dos problemas encontrados pelos afrodescendentes do Rio Grande do Sul.

Contudo, se a imprensa tem se mostrado como uma fonte cada vez mais explorada para as reflexões da vida no pós-abolição ao estudarmos os rumos da comunidade negra em Campinas no mesmo período a partir da figura de José Evangelista queremos pensar em sua trajetória como homem negro e seus envolvimento com o seu contexto. Não sendo exatamente o que chamamos de intelectual ele esteve em todas as iniciativas e entidades criadas a partir da idade adulta e se manteve nelas até praticamente o final de sua vida. Evangelista continuou nas entidades até que elas deixassem de existir e sua última participação foi até 1994 quando a Federação Paulista dos Homens de Cor encerrou suas atividades.

Esta mistura de militância e projeto de vida tinha a manutenção do que ele entendia ser sua missão o reerguimento da vida do negro que em outras palavras seria o alcance da cidadania. Para sua geração este não se constituía em um projeto isolado. Em outros lugares da América como Nos Estados Unidos e no Caribe grupos da comunidade negra se organizavam para o mesmo fim, valorizar a experiência negra e combater as formas de discriminação. Na realidade nas primeiras décadas do séc. XX foram sacudidas por um contexto de ascensão de regimes políticos totalitários acessos as formas democráticas e ascensão do racismo. Também foi o tempo de efervescência de movimentos culturais como o *Renaissance Harlem* um movimento intelectual, cultural artístico que expandiu



por todos os Estados Unidos e outros países do Caribe chegando a França (Spencer, 1996, p.245).

A eclosão de manifestações culturais como a literatura e os jornais acabaram por transcender as fronteiras e levar o discurso anti-racista para diversos lugares. Observando os editoriais de jornais negros paulistas e norte-americanos vemos que algumas idéias eram similares com ênfase na educação, no bom comportamento e combate ao racismo científico, ao mesmo tempo em que muitas idéias do racismo eram incorporadas. A importância de a comunidade negra portar-se corretamente em público e seguir normas de conduta baseadas na moralidade contribuiriam para a construção de uma imagem positiva que colaboraria para a confrontação dos estereótipos e do preconceito relacionado à população negra. Partia-se do princípio que a valorização dos negros tinha de vir deles próprios chamando a atenção para ausência de indignação com as ações de violência e manutenção dos tempos de escravidão, de uma luta para a valorização das pessoas negras chamadas a época não como o termo pejorativo nigger mas usando como símbolo deste novo negro o adjetivo black ou ainda coloured, aqui traduzido como de cor.

Este projeto de avanço ou melhora da condição dos negros aqui e outros lugares era muito importante e buscava os mais diversos espaços como literatura, teatro. Porém mas não foram poucas as reclamações este projeto dividia os grupos pela sua condição sócio econômica e, que por vezes, afastava os negros de condição modesta em bailes e outras formas de lazer que concorriam também com atividades dos grupos mais pobres.

Acreditamos que idéias como Pan-Africanismo e antes disso, as idéias do Movimento Abolicionista Internacional que já discutia idéias de acesso à cidadania por parte dos libertos pudessem ser uma literatura comum aos grupos. De fato, como nos lembra Balsalobre os redatores dos jornais negros eram também atuantes no jornal da imprensa comum e tinham contato com as notícias do mundo todo pela força de seu trabalho.



Nosso personagem era alguém envolvido com o grupo de jornalistas e outros profissionais mas professor das primeiras letras. Quais teriam sido suas estratégias para conservar o território negro?

Maciel (1987) observou que Campinas era uma cidade moderna e rica, mas que tinha grandes entraves para a população negra e situações de discriminação racial eram freqüentes. Sob esta mesma ótica Domingues(2010) ao estudar Lino Guedes, outro intelectual negro presente na cidade nas primeiras décadas do séc. XX afirmou que. *Campinas era uma cidade cuja população negra alcançou um elevado nível de organização e conscientização raciais, criando suas próprias associações recreativas, beneficentes, culturais, cívicas, educacionais, teatrais etc.* (Domingues, 2010, p.139). Ora entre 1888 a 1926 surgiram cerca de 25 associações negras.

É apropriado refletir que em se falando da imprensa os jornais tinham dificuldades de sobrevivência e eram custeados pelos redatores e colaboradores o que levou a uma vida breve grande maioria dos periódicos. As associações de auxílio também existiram com grande dificuldades mas por ser a alternativa possível para socorro das famílias pobres sobreviveram por mais tempo. Entidades como o Colégio São Benedito também eram iniciativas singulares e nos lembra Jerry Dávila que o contexto socioeconômico desfavorecia a presença de crianças afrodescendentes e outro segmentos populares.

Por todos estas considerações e mesmo a ausência de uma tradição de preservar a memória deste período tão ativo na história da comunidade negra da cidade, pensar a história de Benedito Evangelista um homem negro em meio a contextos tão adversos tem lá seus percalços. Se é possível conhecer um pouco da escola com os registros,relatórios, as atas e processos, sim porque a escola depois de 1936 ano da morte de seu diretor foi fechada. Sendo um propriedade parte particular e parte de uma associação ela sofreu embargo e uma luta para sua reativação começou. Nos anos de 1950 o depositário responsável pelo patrimônio e nomeado pelas autoridades judiciais a vendeu a propriedade e uma querela judicial se arrastou até 2001, ano da morte do responsável pela ação.



Já não havia mais nenhuma entidade e com o único herdeiro falecido o Colégio São Benedito e toda a memória do período de lutas pós-emancipação nas primeiras décadas do se. XX ficaram nas coleções de recortes, exemplares de jornais e memória do velho militante. Assim queremos a partir da coleção de documentos reunidos por Benedito Evangelista tentar recuperar sua narrativa do período que viveu ou seja, buscar *construir uma narrativa que dê conta dos elementos contraditórios que constituem a identidade de um indivíduo e das diferentes representações que ele possa ter conforme os pontos de vista e as suas épocas.* (Levi,1998, p.171).

Assim queremos pensar este homem no seu contexto sua forma e registrar, suas escolhas, omissões e práticas culturais que filtram e trazem seu olhar para os fatos que narra (Kofes, 1994, p.118). É sua história de vida em seu tempo. De fato se pensarmos na relação do militante com os órgãos aos quais ajudou a criar e pertenceu não nos parece possível uma história única, mas a busca de uma história que se enlaça com outras. Coisas simples como encontrar um barbeiro que aceitasse clientes negros, lidar com os diários maus tratos policiais, ser impedido de entrar em um bar ou clube fazia com que não apenas reclamassem mas criassem formas de resolver as condições adversas.

Em meio ao tudo isso, a cidade e o estado foi vivendo flutuações na composição demográfica. Durante o século XIX devido ao tráfico interprovincial, a cidade de Campinas teve períodos que concentrou uma população negra que era maioria numérica². Em 1890 esta população já havia se alterado, os negros eram 30,5% enquanto que o número de brancos havia subido para 69,5%. Assim em pouco mais de uma década, os negros haviam deixado de ser maioria numérica na população. Estas mudanças refletiam os acréscimos populacionais que a imigração europeia proporcionou à cidade e ao estado, uma vez que os europeus vinham para trabalhar nas lavouras de café. Entre 1882 a 1900, entraram no município cerca de 10.631 imigrantes estrangeiros³.

² Veja-se, por exemplo, em 1872, quando os escravos e negros livres formavam 60,8% da população, os brancos constituíam 39,2%. Cf. Cleber Maciel, *Discriminações raciais em Campinas* pp. 60-61.

³ Rosana Baeninger *Espaço e tempo em Campinas: migrantes e a expansão do pólo industrial paulista*, Campinas, CMU-Unicamp, 1996, p. 43.



Acredito que refletir sobre a história de Benedito Evangelista e o grupo de militantes que atuaram em Campinas é uma oportunidade de entender como se deram os enfrentamentos com as dificuldades e revelar as estratégias de luta pela cidadania possível.

Referências bibliográficas

ANDREWS, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. Bauru, SP: EDUSC, 1998.

BERNARDO, Teresinha. *Memória em branco e negro: olhares sobre São Paulo* São Paulo: Ed. UNESP / EDUC / FAPESP, 2007.

BRESCIANI, Stella (org.) *Imagens da Cidade. Séculos XIX e XX*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero / FAPESP, 1994.

BRUNO, Ernani Silva. *História e Tradições da Cidade de São Paulo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1954. 3 v. (Edição especial sob o patrocínio da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo – Serviço de Comemorações Culturais.

Cleber S. Maciel *Discriminações raciais: negros em Campinas (1888-1926)* 2ª ed., Campinas, CMU-Unicamp, 1997.

COOPER, Frederick, Thomas, HOLT e SCOTT, Rebecca (orgs.) *Além da escravidão: investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação*. Tradução Maria Beatriz de Medina, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Senzala à Colônia*. 3ª Ed. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana (1890-1915)*. São Paulo: EDUC / FAPESP / Imprensa Oficial de São Paulo / Arquivo do Estado de São Paulo, 2000.

Domingues, Petrônio Lino Guedes: de filho de ex-escravo a elite de cor. *Afro-Ásia*, Salvador BA: UFBA, 41 (2010), 133-166.

FONER, Eric *Nada além da liberdade* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.



HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

JOSIAH, Barbara P. After Emancipation: Aspects of Village Life in Guyana, 1869-1911 Author(s): Barbara P. Josiah Reviewed work(s): Source: *The Journal of Negro History*, Vol. 82, No. 1 (Winter, 1997), pp. 105-12.

MACIEL, Cleber *Discriminações raciais: negros em Campinas*. 2ª.ed., Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

MANZONI, Francis Márcio Alves. *Os trabalhadores "caipiras" em mercados e em feiras-livres: São Paulo (1867-1914)*. Dissertação de Mestrado (História e Sociedade). Assis, SP: FCL-UNESP, 2004.

POLLAK, Michael. "Memória, Esquecimento, Silêncio". In: *ESTUDOS HISTÓRICOS*. Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Nem tudo era italiano. São Paulo e pobreza (1890-1915)*. 3ª ed. São Paulo: Annablume/FAPEESP, 2008.

SANTOS, Maria da Conceição dos. *Festa de preto na São Paulo antiga: um exemplo de resiliência na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (1887-1907)*. Dissertação de Mestrado (Ciências da Religião). São Paulo: PUC-SP, 2006.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Estático na Metrópole: São Paulo, Sociedade e Cultura nos Frementes anos 20*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.